

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 147 — Domingo, 1 de Abril de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

HORA LEGAL

Na madrugada de hoje mudou a hora oficial, adiantando-se os relógios uma hora. Entra-se assim na hora de verão, que em face do mau tempo que tem feito, parece querer tardar.

AVENÇA

## POR UMA QUESTÃO DE PRESTÍGIO PARA O PAÍS A SEREIA DE TORGA

Pelo Dr. MÁRIO SACRAMENTO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO DEVE SER MELHORADA NO SEU ASPECTO SOCIAL, ECONÓMICO E TURÍSTICO — escreve o diário «República»

NOSSO prezoado colega lisboeta «República» que ainda há poucas semanas teceu as referências amáveis ao nosso povo e à nossa terra que tivemos o prazer de transcrever, voltou a ocupar-se, há dias, com a mesma generosidade e a mesma simpatia, de Vila Real de Santo António. Desvanecem-se que também este prestigioso órgão da imprensa diária reconheça os nossos méritos e a responsabilidade que sobre esta terra impende devido a circunstâncias de ser uma das mais movimentadas portas de entrada do nosso País.

Antes de transcrever o artigo de «República», pois desejamos que ele fique arquivado nas nossas páginas, faremos algumas considerações tendentes a reforçar o ponto de vista patriótico do vespertino da capital. Efectivamente, é de responsabilidade a missão interna-



Vista Parcial de Vila Real de Santo António, uma das portas de Portugal, a quem as circunstâncias conferiram a missão de bem receber e melhor despedir os que nos visitam

cional da Vila Pombalina e do seu povo. Como se tem pedido, tanto as autoridades locais como a gente humilde correspondem a aqueles deveres de cortezia que se exigem de quem vive em ambiente de civilização e ainda por cima em convívio quase permanente com estrangeiros. Mas há faltas

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

### Eng. EDUARDO DE ARANTES E OLIVEIRA

FAZ amanhã dois anos que tomou posse da pasta das Obras Públicas o sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira. Do que tem lucrado o País, neste curto espaço de tempo, com a acção do ilustre técnico todos o sabem e muitos o aproveitam. Das suas peregrinações de trabalho pelas terras portuguesas alguma coisa fica sempre, além da simpatia que sabe infundir e da delicadeza que põe no trato dos que com ele têm a honra de conviver, ainda que fugazmente.

No que ao Algarve diz respeito, muito temos já que agradecer ao ilustre homem público, e muito mais teremos que agradecer no futuro, tal qual como têm que agradecer todas as províncias de Portugal, pois a sua acção persistente e eficaz, norteadora por um critério superior, a todos abrange na mesma preocupação de engrandecer a terra portuguesa, de tornar menos dura a conquista do pão àqueles que, na maioria dos casos, o obtêm à custa de muito suor, sangue e lágrimas.

Não é sem emoção que registamos mais um ano de fatigante trabalho do sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira. Oxalá possamos por muitos anos assinalar o facto, o que, se não for do total agrado do ilustre homem público, é-o forçosamente da totalidade da Nação portuguesa.

### ACURSIO PEREIRA

Encontra-se no Algarve, a passar as férias da Páscoa, o escritor e jornalista Acurcio Pereira, ilustre chefe de redacção do nosso importante colega «O Século».

### OS NOSSOS PESCADORES recomeçam hoje a sua faina

Terminou ontem o defeso da pesca da sardinha na costa algarvia, o qual foi aproveitado pelos armadores para reparação dos barcos e das artes. Algumas traíneiras da nossa frota e dos centros piscatórios de Olhão, Portimão e Lagos, alindadas com as tintas «Excelsior», sairão já hoje para o mar. Nota-se maior animação nas ruas, os cafés estão mais barulhentos e respira-se um ar de esperança em toda a vila. Oxalá o ano piscatório seja animado e a nossa frota faça uma campanha pelo menos tão proveitosa como foi a do ano findo! E que as nossas fábricas correspondam ao esforço dos pescadores, trabalhando muito, para maior prosperidade económica da nossa terra e bem estar dos seus habitantes.

São estes os nossos votos calorosos, que envolvem ao mesmo tempo uma saudação à boa gente do mar.

## PROBLEMA DA HABITAÇÃO

NUM dos seus últimos números, publicou este semanário um oportuno e interessante artigo sobre o problema da habitação em Vila Real de Santo António, trazendo ao de cima o velho, o velhíssimo problema que tantas dores de cabeça tem originado aos que pretendem uma casa nesta vila.

Na verdade, pode quase considerar-se uma estrondosa vitória quando se consegue o aluguer, sempre em condições difíceis e onerosas, de uma casa nesta vila pombalina. Tanto para qualquer comércio, é tão difícil obter-se uma casa que, muitas vezes, toca as raízes do desespero verificar a insatisfação não só do desejo como da instantaneidade.

Com as possibilidades de desenvolvimento que se vai verificando nesta vila (doca de pesca, bairro industrial, aumento da frota pesqueira, etc.) indispensável se torna que haja uma entidade oficial que tome a iniciativa para a resolução deste gravíssimo problema.

### ASPECTOS DA VIDA MODERNA

## O NOSSO PÃO

Por MARCOS ALGARVE

HIGIENE tem sido, nos últimos anos largamente difundida em Portugal, reflexo científico e humanitário oriundo de outros países da Europa, sem esquecer a América do Norte, o Brasil e a Argentina. O Algarve, graças a uma vigilante inspecção oficial, alguns resultados satisfatórios tem obtido dessa laboriosa faina higiénica.

Os algarvios, que olham para estas manifestações a favor da saúde pública, são os primeiros a constatar a diferença das fábricas de conservas de peixe, de há 40 anos, para as da actualidade. Diferença, progresso e asseio. Limpeza nas conservas, nas vazilhas e no pessoal.

Tudo passou por uma transformação radical, que faz gosto ver agora uma dessas fábricas a laborar e a exhibir as suas operárias de aventais limpos

e de mãos lavadas... Hotéis, pensões, mercearias e talhos são visitados a miúdo por fiscais com prática desses serviços. E

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

### CONSTRUÇÃO DA DOCA DE PESCA

Pela pasta das Obras Públicas foi publicada a seguinte portaria: Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas, aprovado o projecto de construção da doca de pesca de Vila Real de Santo António, declarar de utilidade pública e com carácter urgente as expropriações necessárias à execução do referido projecto, nos termos dos n.ºs 1, 3 e 4 do artigo 12.º da Lei n.º 2050, de 22 de Junho de 1948, regulamentada pelo Decreto n.º 37.758, de 22 de Fevereiro de 1950.

## OS PESCADORES dos palangres

renunciam à pesca devido aos pesados encargos que sobre esta incidem

OS modestos pescadores dos palangres que operam no rio encontram-se desanimados por verificarem que não lhes vale a pena praticar o seu ofício, em consequência dos pesados encargos que oneram a pesca que obtêm. Efectivamente, deve ser esta actividade a mais castigada com impostos em relação aos pequenos proventos que consegue do seu labor.

Para se avaliar quão pesados são esses encargos, aqui os transcrevemos: Casa dos Pescadores, 4,5%; Câmara Municipal, 3%; Junta Autónoma, 1%; Imposto do pescado, 7,5%; Secção de Vendagem, 2% e Mercado, 6%. Pagam ainda 1% para a Casa da Lota. Quer dizer que uma venda de peixe de 200\$00 rende ao pescador

quando, em oitocentos, o romantismo trouxe desse mesmo exílio a rosa dos ventos do europeísmo de então, foi ainda aos quadros do medievalismo que recorreu, numa tentativa de aclimação, vindo a reencontrar por eles esse mesmo ambiente peninsular em que não conhecêramos um momento de verdadeira hegemonia cultural.

Voluntariamente esqueço, nesta sinopse, a arte genuinamente popular, cujo emparedamento social impediu que medrasse e dominasse (CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

### PINTOR JOAQUIM REBOCHO

Esteve nesta vila, na passada segunda-feira, o nosso querido amigo e confratâneo sr. Joaquim da Costa Rebocho, ilustre pintor de arte, que vinha acompanhado pelo sr. António Saraiva Rôso, secretário da Escola de Belas Artes de Lisboa.

O sr. Saraiva Rôso, que visita pela primeira vez o Sotavento algarvio, declarou-se nos encantado com as belezas da nossa província. Na terça-feira, estes dois nossos visitantes, com o sr. dr. Vergílio Passos, nosso prezado amigo e distinto colaborador, deslocaram-se a Olhão, onde apreciaram alguns dos mais característicos aspectos da interessante vila cubista, tendo estado, também, numa das mais importantes fábricas de conservas daquele centro, cujo funcionamento lhes foi pormenorizadamente explicado.

### Veículos em circulação NO ALGARVE

No fim do ano passado, havia no Algarve em circulação 1.630 carros de turismo, 950 camionetas e 270 motocicletas. Os distritos que têm menos veículos que o nosso são os de Beja, Portalegre, Guarda, Bragança, Vila Real e Viana do Castelo. E'vora tem menos camionetas que nós (840) mas possui mais carros de turismo (1.820).



Pescadores de palangre iscando os anzóis das suas modestas artes

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com curta demora, esteve nesta vila o nosso estimado amigo e prezado assinante, sr. Francisco Camarada Martin, funcionário superior do Banco Português do Atlântico, em Lisboa.

A passar as férias da Páscoa com sua família, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo rev. Padre dr. Sezinando Oliveira Rosa, illustre secretário-geral da Acção Católica, em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa e mãe, encontra-se em Lisboa, a passar a Páscoa, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. dr. Manuel P. Fernandes Vargas.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. António Dias Cavaco, residente em Odeleite.

A passar a Semana Santa, encontram-se nesta vila os srs. dr. Diamantino Duarte Baltazar acompanhado de sua esposa e gentil filha e Eurico Duarte Baltazar, filhos do nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Diamantino M. Baltazar.

A passarem as férias da Páscoa, encontram-se nesta vila, em casa de seus pais, os estudantes srs. Fernando Vargas Marques, Raul Pessanha Mateus, José Eduardo Capa Horta Correia, João Manuel Horta, Rui Correia Pacheco, Raul Miguel Socorro Folque, Manuel Rodrigues Clemente, José da Silva Cavaco, A'lvoro Campeiro Munhoz e António João Rui-vinho.

De visita a sua família, esteve nesta vila, com curta demora, o nosso estimado assinante e amigo sr. José Saraiva Rosa, residente em Lisboa.

Em viagem de recreio, esteve alguns dias em Tânger, tendo já regressado a esta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. Mateus Fernandes.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso prezado assinante sr. Ernesto Martins, residente em Oihão.

Vindo de Lisboa, onde cursa a Escola de Radar, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo sr. José Afonso Correia Castanheira.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, a sr.ª D. Maria do Rosário Borges de Sousa, irmã do nosso prezado assinante sr. Mário Borges de Sousa.

Foi passar a Páscoa à sua propriedade de Abambres (Vila Real), acompanhado de sua família, o nosso prezado amigo e comprovinciano sr. Jorge Arez de Mascarenhas.

Em viagem de negócios, esteve em Vigo o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Manuel Pinhol da Encarnação, negociante em Lisboa.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso prezado conterrâneo sr. eng. João Eusébio Damasceno Botequilha, filho do nosso assinante e conceituado comerciante em Lisboa, sr. Eusébio da Rosa Botequilha.

Esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. Jacinto d'Assunção Pinto, secretário da Câmara Municipal de Albufeira.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em Lisboa o nosso prezado assinante sr. António Francisco Lopes, residente nesta vila.

CALENDÁRIO MARÇO

E' ao terrível Março, o mês bruto e incerto, que hoje nos corresponde analisar de perto; descrevamo-lo, então, visto assim ser preciso, ao «herói» do trovão, da água, do granizo...

O principio do mês fizera-nos pensar numa reviravolta, em Março a ter lugar. — Seria, desta vez, quebrada a tradição das manhãs de inverno e tardes de verão?

Em Janeiro e Fevereiro, as chuvas, a frieza, lançaram sobre nós seu manto de tristeza; a coisa esteve má, e em alguns pontos, séria, muitas inundações, e lutos, e miséria.

Aparece-nos Março e tudo se transforma, parecendo obedecer a bem diferente norma; céu sem nuvens, azul, dias claros e quentes, encheram de alegria o coração das gentes!

Voltaram ao arquivo os velhos agasalhos, todo o mundo a gritar: findaram os trabalhos! E os lojistas locais desatam a vender a preços mais em conta as roupas de aquecer...

Como o mar sossegasse, a pesca sofre aumento, o peixe até baixou no custo, uns dez por cento, a baixa prosseguiu, sem peias nem preguiça, atingindo a batata, a couve, a hortaliça!

Durante uma semana, isto aqui sem chalaça, podia-se, por gosto, ir ao mercado, à praça, exacto é que, o dinheiro, a esmo se esfumava, mas algo mais se via, escolhia e comprava...

Eis porém que, ao Magarço, a paz em breve cansa, ele queria bailar a antiga contradança... Cerca do dia dez, a meteorologia, depressões, vendavais, ciclones, anuncia.

Daí para diante, a fúria continua, quase nem permitindo o pôr-se um pé na rua. Ora digam-nos lá se a Março, esta fera, cabia (em teoria), abrir a Primavera!

Também não faz sentido em Março, o sacripanta, a bela evocação que é a Semana Santa, e a prova mais cabal daquilo que afirmamos de-a o temporal, na Procissão de Ramos.

Felizmente que a Páscoa, e sua consoada, ao Março marçação já não deverão nada, guarda-as em si Abril e esperamos que, com calma, nos traga este o foliar, e refrigério à alma!

Dias primaveris, um tempo bom, bonito, vai mostrar-nos Abril, pede-o quem vive aflito; se assim não suceder, o novo «Calendário», terá de aplicar-se o «trato» necessário...

E. DE CASSIM

OBRAS NAS CAPITANIAS

No dia 10 realiza-se na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais o concurso público para arrematação das obras de conservação da nossa Capitania do Porto. A base de licitação é de 85 contos.

Pelo Ministério das Obras Públicas foi concedida a verba de 30 contos para obras na Capitania do Porto de Tavira.

Melhoramentos em Faro e Portimão o sr. ministro das Obras Públicas, pelo Fundo de Desemprego, concedeu: ao Sport Lisboa e Faro, para construção de um posto náutico, em Faro, reforço, 10.500\$00; e à Câmara de Portimão, para urbanização do agrupamento de casas económicas de Portimão II, 170.000\$00.

«O CONDE DE BOLONHA»

Temos a lamentar uma impertinente invasão de «gralhas», no nosso número anterior, com os consequentes «estragos».

Na breve notícia sobre o livro «O Conde de Bolonha», do nosso illustre colaborador, sr. major Sousa Nunes, apareceram, por exemplo, «apertando... a verdade histórica», em vez de «afectando...», e «poesia dos séculos» em vez de «poeira dos séculos».

Que nos desculpem os leitores estes involuntários «apertos»...

«O ALGARVE»

Com o seu número de 25 de Março, completou quarenta e oito anos de publicação este nosso prezado colega, de Faro.

Por tão faustosa data, apresentamos ao illustre director de «O Algarve», sr. Artur Serrão e Silva, e a todos quantos nele trabalham, os nossos cumprimentos de felicitações.

PRAIA DE MONTE GORDO PRÉDIO

Rua Gonçalves Zarco, 19. Vende-se um prédio bem situado, com três frentes, 10 divisões, quintal, terraços, água canalizada, luz eléctrica, esgotos, toda mosaçada, de boa construção e preço acessível, podendo facilitar-se pagamento. Chave — Rua António Nola, n.º 23 — Maria Cândida Lopes. Proprietário — Evaristo de Vasconcelos, Av. João XXI, 22-4.º Dt.º — Lisboa.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO) sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



PROVINCIA

TAVIRA

Os «Ramos» em Tavira. O mau tempo que tem assolado esta cidade não permitiu a saída, no passado domingo, da linda procissão que se costuma fazer em Tavira. Foi pena, porque ainda se juntou alguma gente, que se deslocou de fora e a qual se limitou a ver, na igreja do Carmo, os oito andores magnificamente ornamentados.

Semana Santa. Estamos informados de que este ano não haverá um programa completo das cerimónias que se costumam fazer pela Semana Santa. Não há lava-pés, procissão do enterro dentro da igreja, officio de matinas e laudes (trevas) e os sermões do enterro, da Soledade e da Ceia do Senhor. Também não se realizam as costumadas conferências para os homens, nem se esperam confesores extraordinários.

O preço das cebolas. Muito embora os que podiam e deviam manter, até certo ponto, o custo da vida na cidade do Gilão continuarem sem ligar importância a este primordial assunto, nós, a quem custa ver e ouvir os queixumes do povo — pois, por dever de officio, temos todos os dias de ir ao Mercado Municipal — cá estamos outra vez a tocar a tecla da vida cara.

A Intendência, em Lisboa, intimou os grossistas a comprarem a cebola a 4\$00 e venderem-na a 4\$50 o quilo. Pois, aqui em Tavira, pedem as cebolas a 6\$00 o quilo. E não é só com a cebola. O peixe a 18\$00 o quilo, e assim sucessivamente. Como os vendedores e intermediários têm liberdade para proceder a aumentos, quem paga é o povo. Quem nos acode?

Noticias Pessoais. Foi à Capital, donde já regressou, o sr. tenente Francisco Solésio Padinha, vice-presidente da Câmara Municipal e nosso prezado amigo, tendo visitado no regresso a linda cidade de Badajoz, donde veio encantado com o que lá viu naquela cidade da nossa vizinha Espanha. — C.

10\$00. Envie esta importância em selos de correio e receberá, sem mais despesa, um cinema de bolso em folha e 200 filmes, ou oito construções para armar, ou um almanaque com lindas histórias em quadrinhos para miúdos, ou a história de Nossa Senhora de Fátima (ilustrada). Representante: CASA BRASIL — Tavira.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, engenheiro-chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que António Rodrigues Rosa, requereu licença para instalar uma moagem e refinação de sal, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e inquinação das águas, situada na Rua D. Francisco Gomes, freguesia e concelho de Vila Real de Faro, defrontando ao norte com terrenos no prolongamento da Rua Infantaria 16, ao sul com Manuel Dias Sancho, ao nascente com a Rua Eça de Queiroz e ao poente com terrenos no prolongamento da Rua dos Centenários.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 28 de Março de 1956. O eng.º-chefe da Circunscrição João António da Silva G. Martins

ODELEITE

Temporais. Há muitos dias que o tempo tem corrido péssimo, prejudicando grandemente os trabalhos agrícolas. A ribeira tomou uma enorme enchente, que causou enormes prejuízos, a juntar aos anteriores.

Domingo de Ramos. Amanheceu triste e sombrio, dando a impressão de que era pleno inverno, e chovendo todo o dia. A anunciada procissão não se pôde realizar, por causa do tempo péssimo, o que bastava nos desgostou.

Deus queira que Domingo de Páscoa a primavera faça a sua aparição, para não prejudicar a visita domiciliária, que o nosso rev. pároco pretende levar a efeito.

Repetindo... E' já mais de uma vez que nas colunas deste jornal, e em notícias de Odeleite, se faz sentir a necessidade urgente de ser arranjado o caminho «das Botelhas».

O aterro foi deixado para dentro do regato que corre paralelo à estrada. Os temporais de Outubro, pretérito, arrastaram tudo, e agora para se transportar, — e especialmente com animais carregados, — é um caso muito sério. Tudo se alinda, aperfeiçoa, moderniza-se, mas o tal buraco, que fica na base do aterro, deve ficar ali para reliquia ou depois de haver desastre ser consertado.

Assim sucedeu quando da morte do filho de El-Rei D. João...

Noticias pessoais. Encontra-se nesta aldeia, em serviço official, o sr. Manuel Conceição Rodrigues, digno fiscal da Direcção da E. F.

Em gozo de férias, encontram-se nesta aldeia, a passar a Páscoa com sua família, os srs. António A. da Luz Xavier, aplicado aluno do liceu; Alberto A. Cavaco, distinto aluno do curso secundário; António Domingos, marinheiro, e o nosso prezado conterrâneo e grande amigo, sr. António R. Estêvão, digno professor de instrução primária. Felicidades e festas felizes, são os nossos desejos.

Aniversários natalícios. Completou, no dia 19 de Março, 64 anos o sr. José Sebastião Rodrigues, abastado proprietário e presidente da Junta de Freguesia e Assembleia Geral da Casa do Povo. E' uma das figuras de maior prestígio desta terra, onde há mais de 40 anos tem sempre desempenhado cargos officiais, com uma inteireza de carácter que o destaca. Os nossos votos de prosperidades pessoais e colectivas.

Também, no dia 23 de Março, completou 8 anos a menina Maria de Fátima Romeira Alberto, filha da sr.ª D. Ana Romeira Alberto e do nosso amigo sr. Miguel Alberto. Que o futuro lhe sorria, são os nossos votos.

Falecimento. Faleceu, repentinamente, no dia 22 de Março findo, a sr.ª D. Francisca Maria, de 67 anos de idade, natural de Odeleite. Deixa viúvo o sr. Francisco Sebastião e era mãe do sr. José Francisco da Conceição e das sr.ªs D. Gracinda Maria Francisca e D. Laurinda Maria. O seu funeral foi bastante concorrido.

A família enlutada, apresentamos os nossos sentimentos. — C.

MANUELA!

Manuela e a primavera, Veio num riso de quimera Abençoar o teu nome! Teu nome, canta a balada, Da tua vida de sonho, Manuela, — canção rezada, Desse teu nome risonho! Sois graciosa, discreta, E em teu olhar de pureza, Chora gracil violeta... Numa paixão de beleza! Não vos julgueis desprezada, Porque virá a manhã, Após gracil madrugada... Chamar-tei — formosa irmã! — E nesse dia, o amor Virá, ridente, dizer: — A tua alma é penhor Dum grande afecto, mulher! — Embevecida quimera!... É a tua boca discreta Vai beijá-la a Primavera, Num sonho de violeta! Abril, 1955 LUIS PALMA VAZ

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 23 a 29 de Março:

Entrados: MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Tânger, vazio. PRIMERO, Franco-Marroquino, de 403 ton., de Port Lyautey, vazio. ZE MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio. COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio. CALIFA, Hispano-Marroquino, de 1.169 ton., de Lisboa, com carga em trânsito. Saldos: MOWE II, Alemão, para Saint Maló, com minério. MURTEN, Suíço, para Génova, com conservas. PRIMERO, Franco-Marroquino, para Port Lyautey, com pescadores. CALIFA, Hispano-Marroquino, para Génova e Livorno, com conservas e óleo de bagaço saponificável.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA) quínimo ultra-delicado. Pode um mecânico conhecer na perfeição os segredos de qualquer uma potente «Diesel» e nada entender da alma do meu relógio de pulso com menos de dois centímetros de diâmetro, que indica as horas, os minutos, os segundos, os meses, tem altímetro, telémetro e não sei que mais. Se se lançar, sem prévio estudo, a construir um objecto semelhante a este, chamam-lhe louco. E é.

Um jogo interessante

Há um jogo interessante. Quando eu era pequena usava-mo-lo muito. Assim: um de nós atrai uma palavra e o outro, sem demora (ou com demora conveniencional) diz o sentimento ou a recordação ou a ideia que a palavra acordou nele. Ganha aquele que obtiver maioria quanto à graça, à beleza ao sentimento da resposta. Experimentem.

E' um jogo muito interessante e que permite, sem se dar por isso, um conhecimento perfeito da alma das crianças. Ou dos adultos.

Comeci a dizer isto, sei eu bem porque e já continuo. Antes quero dizer que, nos tempos que correm, os jogos que as raparigas fazem são muito diferentes. Nada de inteligência, neles. De gracioso. Ontem vi duas mocinhas entretidas. Mas não um minuto, entendem? Horas seguidas, debruçadas para um papel, onde, vezes sem conto, escreviam até vinte e um. Cada qual, num papelinho à parte, registava um número. Depois iam riscando na lista dos vinte e um. Ganhava aquela cujo algarismo que riscasse por último se aproximasse mais daquele que a outra escrevera no caderno ao lado. Como se está vendo, muito educativo.

Mas eu falava do jogo das sugestões... Suponham que eu «atirava». (Parece que estou a ouvi-las: «vá, Nelinha, não estas distraída. Agora és tu a «atirar»...) suponham que eu atirava a palavra «pas», qual foi a imagem, que esta palavra acordou dentro de si? Seria um «teste» curioso, se fosse possível ouvir as respostas dos leitores. Recordo-me de duas respostas que escutei aqui, na roda de meus conhecidos. A M. A. afirmou que lhe lembrava «um passeio num barco à vela». Entendi. O pai da M. A. é marítimo. Andava no «S. Miguel», que foi torpedeado na última guerra. Relata-nos a ideta de pas com a vida, a segurança dos «barquinhos à vela» isto é, o pai. O S. retorquiu que a palavra pas lhe lembrava uma árvore com um ninho. O S. é um cidadão. Como se diz, anda no mundo por ver andar os carros eléctricos. Mal conhece o campo. Só da quando em quando vai a S. Bartolomeu de Messines, onde ainda tem a avó. E' possível que a imagem de um ninho na forquilha de uma alfarrobeira se tenha gravado a fogo na alma de um petis lisboeta. Mas desconfio. A resposta do S. deve ser literatura. Bela, mas literatura, de qualquer modo.

Sabem o que me lembra a mim esta palavra pas? Um mercado. Bancas repletas de peixe, montes de hortaliça fresca, molhos alegres de rabanetes, seiras de azeitonas a fazerem-me água na boca, galinhas esquartejadas com os ovos ainda presos, brilhantes, fatias de abóbora doce para os bilharacos da consoada, os cordões de cebolas sentimentais, os montes de batata amiga dos pobres, e flores, flores que o povo adquire a dois escudos o molho.

Manuela Nunes

EXCELSIOR. As melhores tintas para navios de pesca e comércio. TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL. Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES. Avenida da República — Telefone 12

Assina e propaga «Noticias do Algarve»

# O NOSSO PÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

uma obra de vigilância e de cuidada atenção que esses fiscais desempenham no dia a dia das suas escrupulosas atribuições.

A Higiene é um ramo da Medicina que tem originado teimas e conflitos sérios, como aconteceu no Porto à volta de 1900 ou 1901.

Era então delegado de saúde o dr. Ricardo Jorge, e na capital do Norte apareceu a peste bubónica. Alarme geral. O governo tomou medidas rigorosas para o terrível mal não alastrar. Protestos do comércio e da indústria portuense que, aconselhados por um médico charlatão, sustentavam que não havia peste no Porto.

Ricardo Jorge, estribado na sua consciência e ciência, manteve a sua opinião.

O governo, abocanhado por uma turba de ignorantes, resolveu mandar ao Porto o dr. Camara Pestana, para este sábio bacteriologista averiguar de que lado estava a verdade. Camara Pestana procedeu logo à autópsia de várias pessoas falecidas.

Com tanta infelicidade, fez um pequeno ferimento que lhe causou a morte. O seu depoimento, a um colega que lhe assistiu às horas derradeiras, foi um documento palpitante de saber, serenidade e heroísmo!

Ricardo Jorge, defendendo a verdade, ia sendo vítima dos seus conterrâneos.

Uma das vezes que fui alcaide no burgo onde habito, meia dúzia de amigos pediram a minha intervenção para um caso de extraordinária projecção no futuro da cidade. Um Liceu Municipal, acarinhado por muitos pais que não possuíam recursos suficientes para os filhos irem para Faro, tomou vulto.

Acrescia também a circunstância de eu ser amigo pessoal do ministro do Interior desse tempo. Organizou-se uma excursão para ir a Lisboa reclamar dos poderes superiores a criação do referido Liceu Municipal.

A cidade de Lagos, mal teve conhecimento do projecto de Portimão, tratou de reclamar para si o Liceu, tanto mais que o governador civil do Algarve era, ao tempo, um valioso filho de Lagos. Travou-se uma briga entre as duas cidades vizinhas e amigas. Nem uma nem outra venceu. Como eu veraneava na Praia da Rocha, frequentes noites lá apareciam os meus amigos a dizer-me que os de Lagos tinham conseguido isto e aquilo, que eu devia seguir no comboio rápido para Lisboa, para instar junto dos ministros do Interior e da Instrução para ser criado o Liceu. Lá me desloca até Lisboa, para mais uma vez insistir na criação do Liceu.

Ora, foi em uma dessas idas à capital que eu conheci pessoalmente o dr. Ricardo Jorge, pai, o notável médico higienista e pai do ministro da Instrução — dr. Ricardo Jorge, filho.

O pai, afinal, é que manobrava a política desse ministério, as dificuldades que apareciam, os pretendentes e toda essa multidão — de Lisboa e das províncias — que peja as antecâmaras ministeriais.

O Liceu de Portimão foi criado mais tarde, após diluída pelo tempo a emulação entre as duas cidades algarvias.

Deve-se a um filho de Caele, magistrado ilustre, a criação do Liceu, que devia ter sido elevado a Liceu Nacional. Uma conflagradora apatia deixou-o baixar até ao segundo ano apenas. Nem ao menos o nome do seu melhor colaborador foi dado a uma rua — dr. José Ribeiro Castanho, homem conservador e religioso, como outros que apareceram depois pelas esquinas sem um único serviço a Portimão ou à Praia da Rocha.

Ribeiro Castanho foi o ministro que me apresentou a Ricardo Jorge, pai, com o qual passei algumas horas em amena palestra.

Falou-se no Liceu de Portimão, na peste bubónica, nas suas viagens e livros e na sua velha estima por Camilo Castelo Branco.

Ricardo Jorge era homem de vasta cultura científica, literária e pedagógica. A sua conversa era simplesmente instrutiva e séria, profunda e conscienciosa.

Deve haver três ou quatro anos que um estudante do Porto, tirando a sua licenciatura em Farmácia, me pediu para o auxiliar no estudo da cadeira de Higiene. Atendi o seu pedido, reforçado pela recomendação de um neto que lá fazia outro curso.

Fiz um estudo desenvolvido da matéria, como antes fizera já para duas raparigas que também lá completaram os seus cursos, com apreciável classificação.

O rapaz, porém, depois de reler o meu trabalho, confidenciou ao meu neto este desabafo: «O seu avô parece ser grande amigo do tal Ricardo Jorge, que eu não sei quem é, e nunca ouvi falar nele!»

Abençoada ignorância de um filho do Norte para com um higienista e professor eminente de Medicina, também nado e criado no Norte deste país de glórias antigas e modernas!...

Falei, é claro, em outros higienistas do Porto e de Lisboa, mas foi a Ricardo Jorge que eu conferi o maior relevo e toda a minha respeitosa admiração.

Voltemos ao ponto de partida, ao nosso pão de cada dia...

No Algarve, existem há anos câmaras de expurgo para beneficiar figos, milho e outros produtos sujeitos a invasão de parasitas.

Carne, peixe, hortaliças, frutas e outros alimentos que ingerimos todos os dias, são de fácil lavagem, mas o pão não. Este é comido como vem das padarias.

Mas há um perigo latente nessas mãos que o vendem nos estabelecimentos e às portas dos seus fregueses. Querem que vos diga? Pretendem que uma voz clame no deserto contra essa odiosa falta de higiene?

As mãos que vendem o pão são as mesmas que, logo a seguir, revolvem a gaveta ou o pequeno saco de moedas imundas e cobertas de ferrugens, moedas oxidadas que nos podem transmitir doenças graves.

Os grandes jornais possuem rotativas modernas, que imprimem, dobram e contam o número de exemplares que saem dessas máquinas admiráveis...

Quando aparecerá um inventor ou um benemérito que invente uma máquina para amassar, cozer e embrulhar o pão que comemos em papel branco e cientificamente esterilizado? Seria mais um passo à frente nesta progressiva



## DESPORTO

### FUTEBOL

#### Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)

Realizou-se, no passado domingo, a última jornada do Campeonato Nacional da III Divisão, tendo-se verificado na Zona D-3.ª Série os seguintes resultados:

Serpa, 3 — Lusitano, 1  
Esperança, 4 — S. Domingos, 1  
Despertar, 2 — Silves, 3

#### SERPA-LUSITANO

Jogo no Campo da Misericórdia, em Serpa, arbitrado por Manuel Barulho, de Setúbal.

Equipas:

SERPA: Ilídio; Eduardo, Ferreira e Osvaldo; Caetano e Cecílio; Picareta, Coreles, Teixeira da Silva, Luís e Barão.  
LUSITANO: Ramos; Toni, Viagas e Pescada; Padesca e Lopes; Amílcar, Marco, Raimundo, Travaços e Modesto.

O Lusitano, saindo derrotado do encontro, ficou arredado de ir disputar a fase seguinte, pois o Silves foi vencedor a Beja, e por conseguinte será ele o representante do Algarve.

O Serpa venceu o encontro com todo o merecimento, tendo sido no entanto o Lusitano o que marcou primeiro por intermédio de Padesca, de grande penalidade, tendo os

serpenses respondido com dois golos da autoria de Picareta e Teixeira da Silva e aumentando, na segunda metade, a vantagem com mais um golo de Teixeira da Silva, também de grande penalidade.

A vitória está, portanto, certa, e só resta agora desejar aos rapazes de Serpa a continuação de muitos êxitos.

A arbitragem foi boa.

#### ESPERANÇA-S. DOMINGOS

O triunfo coube à equipa que mais fez para a merecer, estando portanto, certo.

#### DESPERTAR-SILVES

O Silves conseguiu o resultado que desejava, mas o empate estaria mais de harmonia com o jogo realizado pelas duas equipas.

S. Salas

#### CLASSIFICAÇÃO FINAL

	J	V	E	D	B	P
Serpa	10	8	1	1	33-11	17
Silves	10	6	—	4	19-13	12
LUSITANO	10	5	1	4	25-17	11
Despertar	10	4	1	5	13-19	9
S. Domingos	10	2	2	6	12-27	6
Esp. Lagos	10	2	1	7	17-32	5

## O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Os particulares, não se sabe ao certo porque, não se abalançam à edificação; e pelo lado oficial, cremos que também quase nada se tem feito, no sentido favorável, de há muito tempo a esta parte.

Enquanto todo este panorama, verdadeiramente desolador, se verifica por estas bandas do Guadiana, terras algarvias há, bem perto, que disfrutam de uma situação desafogada no que se refere ao problema da habitação. Em Olhão, por exemplo, foram construídos diversos bairros. Casas pequenas, embora, de renda relativamente acessível à camada média da população, resolveu em parte, uma situação que dantes era muito mais aflitiva.

Em Faro, que agora conhece melhor, a construção particular mantém-se em nível elevadíssimo! E' de pasmar o que a cidade liceal nos mostra sobre este aspecto! Cerca de meia centena de prédios em construção, é o índice actual. Mas este elevado número não representa um acaso na vida da cidade. De há uma dezena de anos, ou mais, a esta parte, é essa a média normal de construções simultâneas!

De resto, tal esforço construtivista é que lhe dá, sem favor, o direito de ser classificada como a terra de província onde mais se tem construído, a seguir a Alameda, nos últimos dez anos! Isto é, pelo menos, um gosto para o nosso brio de algarvios! Sabe bem que assim se fale. Sabe bem que tal seja reconhecido, qualquer que seja o seu nascimento nesta província.

O que não sabe bem é que... Vamos lá, que não custa reconhecê-lo, embora doa fundo a sua constatação... O que não sabe bem

faina da higiene, espalhada por fábricas, mercearias, praças, pastelarias e padarias.

O nosso pão, o pão que todos comem, merece uma cuidada atenção, para evitar que os micróbios façam do nosso organismo um parque de estacionamento crónico e mortífero...  
Marcos Algarve

## ELEMENTOS ESCLARECEDORES

### PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

153.419 contos de frutos do Algarve

Segundo o relatório do Grémio dos Exportadores

de Frutos do Algarve, o valor global atribuído aos frutos saídos da nossa província, no ano findo, foi de 153.419.266\$60, contra 117.854 contos, no ano anterior.

O mercado interno consumiu as seguintes quantidades: miolo de amêndoa, 26.717 quilos; amêndoa em casca, 23.442 quilos; figos, 5.536 toneladas; pasta de figo, 18.569 quilos e alfarroba, 9.221 toneladas. Exportaram-se para o estrangeiro as seguintes quantidades: (em toneladas) miolo de amêndoa; 2.761; amêndoa em casca; 257; figos, 4.753; pasta de figo, 945; alfarroba, 12.055; produtos hortícolas, 302 e frutas frescas, 23.566 quilos. O maior exportador foi a firma António Neves Pires & C.ª Lda., com 52.636 contos, seguindo-se a Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, com 24.975 contos, e a União dos Exportadores do Sul, com 22.497 contos, isto tomando como base os valores médios atribuídos aos produtos, que excederam em muito, especialmente no que se refere à amêndoa, esses valores.

E' de assinalar que a pasta de figo teve uma exportação seis vezes superior à de 1954, circunstância que os nossos exportadores não devem perder de vista.

#### O que exportá- mos em Janeiro

Vamos dar alguns números, referentes a Janeiro, de mercadorias exportadas e que interessam directamente à vida económica do Algarve. Cortiça (aparas, prancha, refugo, serradura e virgem), 9.219 toneladas, no valor de 70.146 contos; cortiça em obra, 1.906 ton., no valor de 49.276 contos. Notável a exportação de rolhas, que atingiu o peso de 495.223 quilos e o valor de 25.826 contos. Conservas de peixe, 2.675 ton., no valor de 39.794 contos; conservas de produtos hortícolas (excluindo azeitonas), 152 ton., com o valor de 875 contos; grãinha de alfarroba, 98 ton., no valor de 47 contos; azeite de oliveira, 526.561 quilos, com o valor de 8.486 contos; amêndoa em miolo, 321 ton., no valor de 15.330 contos; em casca, 4.194 quilos, com o valor de 88.522 escudos; figos secos, 159 ton., no valor de 363 contos; óleo de sardinha, 210 ton., com o valor de 1.030 contos.

#### Os peixes mudam de ambiente

Lemos, em «O Primeiro de Janeiro», um artigo de Marcel Chaminade sobre a modificação que se está a operar no clima do mundo e a influência desta alteração na vida dos peixes e das aves. Assim, segundo o articulista:

As sardinhas, que não ultrapassavam de forma nenhuma a Inglaterra, sobem agora em grande número, das costas de Portugal e da França meridional, onde rareiam, para o mar do Norte. Foram pescadas, recentemente, nas costas da Dinamarca, o que nunca se viu. Outro fenómeno que não se dera nunca — o atum fez a sua aparição no mar do Norte e até no Báltico, enquanto que o bacalhau e o arenque, em busca de águas mais frias, tendem pelo contrário a desertar. Há somente 5 anos nunca se tinham visto sargos no golfo de Quília. Agora é muito abundante o badejo. Apreciador de água salgada, multiplica-se rapidamente no mar Báltico, cujo grau de salinidade aumentou muito. E, pela primeira vez o ano passado, descobriram bancos de ca-

marões e caranguejos nas costas da Gronelândia.

Não há dúvida que o clima está a sofrer uma alteração notória, a qual, estamos convencidos, se acentuará à medida que se forem ensaiando essas tremendas armas nucleares que, mesmo sem serem utilizadas com fins bélicos, acabarão por aniquilar os seres vivos. A não ser que os homens reconsidere e remetam em exclusivo benefício da Humanidade essas poderosas forças de que imprudentemente se apoderaram.

O que não há dúvida, repetimos, é que o clima se está a alterar. Ainda há dias, conversando com uma senhora luso-norueguesa, que foi o ano passado ao seu país, disse-nos ela ter sido ali informada de que territórios do Norte, outrora cobertos permanentemente de gelo, são hoje zonas habitáveis e de exploração agrícola. E o Verão passado, na Noruega, foi tão quente como em Portugal.

Terá esta alteração climática influência na pesca do atum na nossa costa? E' que de ano para ano vai notando-se uma diminuição de capturas do saboroso peixe, sem que se consiga uma explicação para este fenómeno. Passará o atum mais ao largo ou desviará-se para águas que lhe são mais propícias? Devem lembrar-se os nossos leitores de que, no Outono passado, foram pescados atuns irmãos dos algarvios no golfo da Biscaia, onde, ao que parece, nunca se tinha dado notícia dessa espécie de atum. Quem nos diz que os escómbridas em vez de continuarem a marginar a costa do Algarve não sobem agora, em grandes cardumes, a costa Oeste, em direcção ao Norte? Não seria interessante fazer-se qualquer investigação neste sentido? Não seria mais rendosa uma armação lançada ao Norte do cabo de S. Vicente?

Aqui deixamos as interrogações ao critério de quem se julgue apto a contestar.

E já agora, e para se ver como tem diminuído a pesca no Algarve, vamos dar o número de peixes vendidos na nossa lota, na semana de 31 de Maio a 6 de Junho do ano de 1904: atuns, 5.925, sendo 1.022 das armações espanholas; atuarros, 8.371, dos quais 25 das armações do país vizinho; albacoras, 857; cachorretas, 3.200, e sarrações 230, ao todo 18.088 peixes numa semana, mais do que se pesca hoje numa temporada.

Ao tempo, lançavam na costa algarvia onze armações, tendo sido a Abóbora quem nessa semana melhor pesca fez: 1.534 atuns e 310 atuarros, que renderam na lota 10.968\$662 réis. Em segundo lugar colocou-se o Ramalhete, com 618 atuns e 619 atuarros e, depois do Barril, aparece a Atalaia, com 296 atuns, 749 atuarros, 310 albacoras e 3.200 cachorretas.

Não seria realmente interessante — repetimos — que os organismos responsáveis pelas nossas pescas averiguassem a razão de ser deste declínio e o remédio a adoptar — se é que há remédio para tal moléstia? — J. B.

#### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 31 de Março a 6 de Abril, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda, Telefone 64.

PELA Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, foi criado em Castro Marim, à semelhança do que já fizera em Aveiro e na Figueira da Foz, um curso de aperfeiçoamento de marnotos, dividido em duas partes: a) parte teórica, na qual o trabalhador da marinha adquirirá conhecimentos gerais sobre o sal e o que é a salina, sua estrutura e maneira de bem a trabalhar; b) parte prática, onde, numa marinha modelo, o marnoto irá aplicar os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas.

As aulas teóricas, a começar dentro de breves dias, serão dadas na sede do Grémio da Lavoura; as aulas práticas serão dadas no próximo ano, na própria salina.

De louvar a ideia da criação destes cursos, nos quais os trabalhadores da marinha, hoje sem quaisquer conhecimentos teóricos, trabalhando a salina empiricamente, por vezes sem saberem a razão de assim o fazer — e fazendo, mesmo, mal — adquiram conhecimentos técnicos, que virão valorizar, quando aplicados, a indústria salinera, permitindo a obtenção dum produto de melhor qualidade, isento de defeitos — um sal o mais puro possível.

Simpático, também, o gesto da Comissão Reguladora em pagar todas as despesas, incluindo o salário diário, aos frequentadores do curso, pois assim, sem prejuízo dos seus interesses, os mesmos podem grandemente valorizar os seus conhecimentos sobre a marinha, seu modo de ser e de bem a trabalhar.

Consta-nos ainda que, além desta, outras medidas de valorização da indústria estão a ser estudadas, entre as quais avultam, pela sua importância, as respeitantes a transportes e embalagens.

Na verdade, a maneira como neste porto e nos restantes do País, apesar da boa vontade dos carregadores, são feitos os embarques de sal, justifica a adopção de medidas tendentes a conseguir-se um mais elevado nível de higiene, acabando, de vez, com processos inadequados, absolutamente impróprios em relação a um produto essencial na nossa alimentação.

Oxalá que, dentro em breve, estas e outras medidas de valorização da indústria sejam postas em prática, melhorando não só o produto, como dando à salina, até há pouco vivendo uma vida difícil — pois o valor de venda do sal era, por vezes, inferior ao das despesas do seu fabrico — uma situação estável, a bem de todos.

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## A SEREIA DE TORGA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

se. Daqui resultou, creio eu, o facto de à geração de setenta (ou melhor: à pléiade de críticos que através dos mais diversos géneros literários povoaram a história da nossa cultura no último quartel do século passado) ter cabido o destacado lugar que lhe conhecemos. Foi ela a primeira, com efeito, a rever criticamente a posição do problema, em função, por um lado, das indicações, teóricas da cultura europeia, e, por outro, dos resultados práticos alcançados pelo nacionalismo renovador dos primeiros românticos. E não admira assim que seja com os problemas levantados por ela que toda a primeira metade deste nosso século de vinte se defronte, confronte e defina ainda. Em verdade, o relevo da sua perscruta foi tal, que ao próprio ideário da chamada geração de noventa tendemos a referenciá-lo exclusivamente (mau grado a oposição que parece estabelecer com o dela) pelo que há, no seu sentido, de precursor nas últimas obras de Junqueiro, dum Eça ou dum Ramalho — pois depressa se esbateram perante essas (à excepção do Sô) as que legou. E ainda hoje se compreende muito melhor, por exemplo, um Aquilino vindo nele a revisão e o reequilíbrio do que houve de mais significativo na pendência travada por Fialho com o Caforname da língua face à aliciente maturidade do francês; ou um Sérgio reconhecendo nele a sistematização crítica (e em certo sentido póstuma) do ideário que os homens de setenta legaram inçado de contradições e perguntas sem resposta; ou um Régio, recordando por ele o Antero da carta a Storke, cuja fé ancestral só fora varrida afinal para o forro do soalho; etc.

A que propósito, porém, tudo isto? — Da leitura, que acabo de fazer, do sexto tomo do *Diário*, de Torga. Só neste escritor vislumbro, com efeito, um reflexo actual — embora esfumado — da problemática ibérica revista por Antero e Martins e por este último como que inventariada, com vista à posteridade, através do debate dos prós e contras dum polémica que chegou a interessar

os mais diversos sectores da nossa vida intelectual, e à qual o autor da *História da Civilização Ibérica* prestou a atenção reflexiva que a sua prolongada estadia em terras de Espanha, o seu amor da cultura espanhola e o seu familiar domínio da língua (em que chegou a fazer conferências) lhe propiciavam. Posteriormente, o fantasma de cabeceira que o iberismo chegara, em dado momento, a constituir para os escritores dos dois países, viu-se relegado pelo europeísmo abstracto. E só Torga vem fazendo ainda da promessa dos seus *Poemas Ibéricos* uma espécie de coroa simbólica dum carreira de escritor que, sob esse aspecto, os seguintes versos, alusivos à Galiza, assim apontam neste volume: «só por seres portuguesa é que te quero, / E por seres castelhana te acredito». Medite-se o significado implícito na dependência tributada às atitudes afectiva e intelectual despertada pelo objecto, e ter-se-á a medida do desencontro atrás esboçado.

Não é, com efeito, apenas por que o priva de «chefes que eu eleja e destitua» que é realidade «banal e charra» desta «Pátria que se esgota em quatro caminhandas» lhe dita palavras como estas, num regresso de Espanha: «mal atravessi a fronteira de Portugal foi como se me injectassem de penitência humana, de renúncia cívica, de cepticismo criador». Não; há em Torga, no seu próprio sonhar-se o pastor dos cordeiros esculpidos nos timpanos das igrejas, a presença dum insatisfação caracterizadamente formal que o hieratismo *sui generis* da sua poesia e do recorte anguloso da sua prosa bem denunciavam. A intuição definida que subjaz às sucessivas cristalizações do seu estilo não denota apenas o ensaísmo do homem que rodeia e vence o objecto das suas conseras, mas sobretudo a insatisfação de quem se vê à míngua «duma língua refinada e ágil, que seja um instrumento de captação penetrante do que em nós mais se recusa». Ou, como diz: sente-se em Torga que ele tende a repor o problema da própria língua, insatisfeito ou desiludido com as arranjos precários dos Garrett e dos Eça, o esbracejar dos Fialho e a composição dos Aquilino. E' isso que me faz ocorrer a frase alusiva ao «castelhano sem ossos». Em verdade, tudo pode considerar-se neste caso como se o escritor, que veio das fragas de S. Martinho de Anta para a tepidez do Mondego, numa época em que a torre de Anta se tornara numa espécie de torre de menagem à opulência dum Eugénio de Castro, tivesse encontrado na dissecação anatómica do seu curso de Medicina um símile do trabalho que a língua lhe requeria. Não passa isto de uma maneira de dizer, claro, — mas não são tudo maneiras de dizer? O certo é que Torga me lembra, como escritor, o camponês que, transplantado um dia do seu *habitat* montanhês de terras mal recobrida a base granítica dos montes, para a planura de solo roto porfiasse em escavá-lo na obsessão de encontrar-lhe uma ossatura. «As palavras é que me desgraçam. Elas é que são o peso morto dos meus dias de poeta» — lê-se neste livro. E não admira assim que, à míngua de rocha soterrada, o escritor acabe, como esse camponês de ignorada fábula, por romper do boreal ao austral, transitando do iberismo como vocação autóctone para o europeísmo, seu antípoda, dum *rendes-vous* de humanistas abstractos: «é preciso que (a poesia) alcance não apenas um indivíduo ou uma classe, mas o Homem». Assim caímos, da tensão de há pouco, em expressões como estas: «a face permanente do circunstancial...»; «colocar um penso astral no concreto desespero...»; «a nossa lúdic presença na terra...»; etc. Sobre as fragas por ele mesmo socalcadas, o artista visiona o cenário do *cottage* dum Lawrence ou da *catumba* dum Proust!

E' esse o equívoco de Torga, que, tendo-lhe embora demarcado um lugar à parte no panorama actual da nossa literatura, o desviou do seu mais espontâneo caminho. A tensão formal a que me referi corresponde, de facto, um problema mais íntimo: o debate de dois planos insolúveis — o do humanismo concreto, que podia ter feito do emigrante de *A Criação do Mundo* um escritor situado no âmbito que vai da obra de Ferreira de Castro à fronteira (já imprecisa) da de Aquilino, e o do humanismo abstracto que o ambiente presencista lhe incutiu. Nada mais nítido, com efeito, do que Torga tor constituído no gru-

po da *Presença* uma espécie de corpo estranho — que, longe de provocar na ambiência a reacção que esse nome implica em filosofia, a sofreu, porém. «Pois não terá sido o instinto estreme da comunhão primitiva o que marcou as páginas mais representativas da sua obra? Asseguram-no o êxito de *Bichos* e o relevo dos melhores passos de *A Criação do Mundo* e dos melhores contos da *Montanha*. Fora dele, a obra de Torga vive dum criticismo a que é bem curioso vermo-lo opor-se, na pessoa de outros, em certas páginas do presente volume — e no qual é bem patente o sólido bom senso do homem de S. Martinho de Anta, quando o não enrodilha ou entorpece a venalidade do «europeu».

Buscando no plano mítico da «realidade» peninsular uma razão específica de ser, o iberismo abriu uma *fausse route*; tentado apoiar-se num populismo de servos, o nacionalismo enveleceu as próprias bases do lar pátrio; pondo o seu alvo em aspirações formais de gratuidade, o «europeísmo» sujeitou-se ao malogro de quem aponta às águas com espingardas de lata. E, não obstante, o povo aí tem estado, recordando embalado ter sido ele quem construiu a língua em suas bases — enquanto clérigos, fidalgos e burgueses lhe preferiam a latina, a castelhana ou a francesa, por mais adaptadas às necessidades suas próprias através do manejo a que as haviam submetido os seus companheiros de classe de além-fronteiras. O que havia — e há — de promessa específica no idioma ficou assim imerso no tartamudear dos que o criaram. E só mediante o crédito alheio ele pôde chegar a oferecer os seus préstimos à literatura. «Pois que significam senão isso, ainda hoje, as novidades sintácticas e os enxertos de um Eça, por exemplo, — fruto que são da revisão levada a cabo por um espírito embebido em cultura gaulesa? Inútil, portanto, procurar-lhe a ossatura fora do meio estrito de S. Martinho de Anta! E' inútil querer cultivá-lo em terrenos de aluvião, pois só o magro húmus que reveste a fraga lhe pertence, em verdade. O que há nele de mais veraz é pura latência, que só poderá desabrochar mediante o diálogo paciente e humilde que troque com ele quem tenha a prudente coragem de esquecer a prédica ilusória do universalismo — de puro temor ao cosmopolitismo; e do europeísmo — de puro temor ao rotarismo; etc., etc. E nesse aspecto a nossa experiência literária, ao invés do que Torga contra põe aos brasileiros neste seu livro, é tão inicial como a deles.

Só aceitando uma base mítica à realidade se pode resumir a vida «à teimosa procura / Dum singular e único sinal / Que tudo me defina e me resume.» *Acetá-la, porém, de facto — implica negá-la como tal.* E o crítico que coexiste em Torga não o permite. Ele não tem ilusões sobre o significado das palavras que usa, quando escreve: «cego-me atrás do fantasma dum verso que me foge.» Daí que, neste plano, o afã de Torga revista o aspecto paradoxal dum «forma» que se mascara em «essência», virando contra si próprio o gume dum crítica ainda há pouco tão acerada e segura, mas embotada agora pelo mito que postula que a vida «quanto mais fabulosa, mais verdadeira» é. Pena é assim que a auto-crítica de que Torga tanto se queixa não saiba, ou possa, ultrapassar os limitadores deste plano formal, pois talvez viesse a fazer do seu *Diário* um testemunho admirável da revisão operada por Adolfo Rocha sobre a obra de Miguel Torga — do qual as páginas agora publicadas sobre André Gide e Teixeira de Pascoais, por exemplo, são um penhor de possibilidades a que não faltam o rigor da análise e o vigor da síntese. Os psicólogos que digam se terá nesse sentido algum significado o facto de o próprio autor ter experimentado a necessidade de as diminuir e renegar em sua objectividade — pouco depois de sobre elas se ter debruçado, tão atento e torturado!

Mário Sacramento

### <RODOVIÁRIA>

Saíu o n.º 7 da «Rodoviária», a magnífica publicação de transportes e turismo, dirigida pelo sr. Oliveira Santos. O presente número, que não desmerece dos anteriores, é dedicado à linda cidade de Aveiro e seu distrito. Quer literariamente quer gráficamente é esplêndida.

## POR UMA QUESTÃO DE PRESTÍGIO PARA O PAÍS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que não podem ser supridas pelas autoridades concelhias ou mesmo regionais, e essas faltas já as temos apontado por mais de uma vez. Uma delas é a Escola Técnica. Ainda há poucas semanas fomos visitados por ilustres membros da Academia de Sevilha (professores e historiadores) que vieram a Aiamonte conviver com escritores portugueses e certamente, como já tem acontecido com outros ilustres e ilustrados espanhóis que nos visitam, notaram a falta, numa terra da importância da nossa, de um estabelecimento que vá mais além do ensino primário.

Por mais que gabemos a nossa terra e o nosso País, a verdade é que lacuna tão flagrante não pode passar despercebida. E desde 1925 que temos uma Escola Técnica, que nunca saiu das colunas do «Diário do Governo»!

Outro reparo, que podemos considerar ofensivo do nosso brio patriótico, foi a suspensão do Centro de Vela da Mocidade Portuguesa, precisamente na altura em que o nosso bom vizinho, o alcaide de Aiamonte, tinha pedido que no calendário das provas de vela portuguesas figurasse uma prova em que tomariam parte os velejadores daquela cidade, de Huelva, de Vila Real de Santo António e dos restantes centros de vela do Algarve. Alguém nos sabe explicar a razão por que foi suspenso o nosso Centro de Vela, aqui mesmo em face de um país estrangeiro?

Tem razão «República», quando foca a situação especial da nossa terra, limiar da nossa Nação, e podemos garantir-lhe que, dentro dos nossos recursos, continuaremos a honrar a nossa Pátria. Oxalá a compreensão dos nossos deveres seja secundada por quem, tanto como nós, tem empenho em dignificar e engrandecer Portugal.

Eis o artigo do vespertino lisboeta:

Várias vezes se tem dito neste jornal que Lisboa e outros grandes centros não constituem, unicamente, o País, sendo indispensável que, cada vez mais, o Estado atenda, na medida do possível, as reclamações que surgem, bem fundamentadas, para a solução de muitos problemas regionais.

Porque assim pensamos, também nada nos custa reconhecer, com aplauso, as medidas que se vão tomando para se atenderem algumas velhas e justas reclamações de diversas regiões. Vem estas palavras a propósito do recente decreto publicado pelo Ministério das Obras Públicas, no

qual se fixa a verba de 15.800.000\$ para a execução das obras de construção da doca de pesca de Vila Real de Santo António, que devem estar concluídas dentro de quatro anos.

Quer sob o ponto de vista social ou económico, a referida obra impunha-se. E bem a merece a simpática vila do extremo-sul do País e a classe dos trabalhadores de pesca. Só é de desejar que os trabalhos não demorem — o que será, também, uma maneira de atenuar as crises, por vezes duras, que atingem o comércio e indústria locais, dando origem ao desemprego.

De resto, uma localidade tão importante, pela sua posição geográfica, como é Vila Real de Santo António — término da linha férrea do Sul e Sueste; com um porto magnífico no Guadiana; possuindo uma bela praia de frequência internacional (Monte Gordo) com todas as condições para vir a ser uma das melhores do País; e sendo a primeira e mais categorizada localidade portuguesa que encontra o estrangeiro que vem da Andaluzia, tem de ser impulsionada para melhorar, o mais rapidamente possível, no seu aspecto social, económico e turístico, não só pelo respeito devido à laboriosa população, mas até por uma questão de prestígio para o País.

E' de apreciar o recente decreto que estabeleceu a verba para a construção da doca de pesca; mas Vila Real de Santo António, pelas razões indicadas, e devido ao abandono a que chegou, carece, urgentemente, de vários melhoramentos. E, antes de quaisquer outros, citaremos a absoluta necessidade de um Bairro Económico para as classes pobres, porque o problema da habitação é, nesta vila, verdadeiramente conflagrante.

Outros melhoramentos que a população reclama, com absoluta razão: construção de um mercado de peixe, para o qual — segundo nos consta — já existe projecto; arranjo e construção da Avenida da República e da Estação Marítima; desassoreamento do rio Guadiana; e medidas tendentes a outras obras públicas que, melhorando o aspecto da vila, podem concorrer para ocupar braços que carecem de trabalho.

Não podemos esquecer que um meio populacional da importância de Vila Real de Santo António também não pode descurar o aperfeiçoamento dos seus serviços hospitalares e de assistência, que nesta terra carecem de ser melhorados, em muitos aspectos. Muitas outras aspirações, das mais legítimas, tem a população de Vila Real de Santo António, colocada em face da Espanha, muito visitada por estrangeiros, e que, ainda por este motivo, carece de ser saneada e afimoseada — embora isso represente sacrifícios de ordem financeira.

As autoridades competentes, as de Vila Real e do Algarve, conhecem, perfeitamente, a posição turística e internacional desta localidade. E saberão compreender o sentido do que escrevemos... e do mais que poderíamos escrever...

### VENDEM - SE

2 engenhos para nora, em estado de novos, prontos a entregar.

Dirigir a Desidério Rosa — Vila Real de Santo António.

## OS PESCADORES DOS PALANGRES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vem de iscar; depois, leva a tarde a iscar os aparelhos; à noite, vai lançá-los ao rio e com poucas horas de sono tem que levantar-se para ir recolher os anzóis, antes de começar o tráfego fluvial, que lhe danificará a arte. E, ao fim e ao cabo, após tanto trabalho, vêm parar-lhe às mãos uns insignificantes escudos, que mal lhes dão para comer.

Em face desta situação desanimadora para tão modestos pescadores e em face da grande escassez de peixe fino, não seria humano estudar-se e pôr-se em prática um imposto mais reduzido, que permitisse a este género de pescadores uma compensação mais razoável do seu esforço e os animasse a praticar com mais entusiasmo a sua arte?

Entendemos que a Casa dos Pescadores deveria tomar a iniciativa de sugerir medidas que protegessem esta gente. De outro modo corre-se o risco de ver desaparecer este sistema de pesca.

E já agora que falamos em pescas, aproveitamos a ocasião para sugerir um sistema de pesca muito rendoso que se pratica em Semimbra onde, há dias, vimos a praia coalhada de robalos com o peso de cinco a dez quilos cada e que foram vendidos à razão de 12\$00 a 15\$00, o quilo. Esta pesca exerce-se por meio de artes de anzol.

Um pequeno barco motorizado, uma enviada, por exemplo, reboca cinco ou seis lanchinhas, cada uma delas ocupada por dois ho-

mens. Chegados ao pesqueiro, os barquinhos dispersam-se e cada um pratica a pesca, findo o que, a meio da tarde, a enviada recolhe todas as lanchinhas e regressa ao porto com a pescaria que, às vezes, atinge o valor de alguns contos de réis.

Por que é que os nossos pescadores de palangres não se reúnem e não ajustam uma enviada, de bordo da qual seria também exercida a pesca, e não experimentam este processo que julgamos inédito aqui? Estamos convencidos, até, que qualquer generoso armador lhes poderia emprestar uma enviada para as experiências. E se estas resultassem então organizaríamos devidamente o novo sistema de pesca, que poderia constituir para eles um bom governo de vida e uma comodidade para a população que luta com grande falta de peixe.

O isco (pequenos peixes, como sardinha, carapau, etc.) poderia ser fornecido pelas barcas de Monte Gordo, isto se não chegassem os camarões dos esteiros.

Creemos que em frente da barra do Guadiana, em zona de pesca ou a Leste da foz do rio, há pesqueiros compensadores. Vamos experimentar este processo de pesca, moços?

### Produção de Milho

Até Fevereiro último, os produtores do Algarve declararam ter disponível para venda 15.807 toneladas de milho, o que corresponde a 12,07 por cento das quantidades declaradas em todo o País.